

RESUMO

O Movimento Negro contemporâneo – aqui identificado como o conjunto de ações e instituições voltadas para a valorização da cultura negra –, a criminalização do escravismo e o combate ao racismo – práticas empreendidas pelos africanos e seus descendentes desde a instauração do escravismo até a presente data, e que tem no mito da democracia racial o grande obstáculo a ser vencido –, constituem o campo de discussão problematizado por esta pesquisa. Apesar desta amplitude temática e temporal, a diversidade interna presente no Movimento, assim como as suas múltiplas estratégias, nem sempre expostas, dão a entender que, malgrado o esforço em contrário, não se trata de um corpo homogêneo, o Movimento Negro. Esta perspectiva alimenta a grande lacuna quanto às trajetórias dos movimentos negros contemporâneos, em especial as experiências nordestinas. Neste sentido, o presente trabalho se insere no campo dos estudos dedicados à resistência político-cultural afro-brasileira, tendo como aporte teórico o enfoque da história cultural. A pesquisa objetiva abordar as práticas discursivas do Movimento Negro na cidade do Recife, concebendo sua pluralidade e subjetividade, e visa compreender o processo de inserção de organizações oriundas do Movimento Negro no carnaval do Recife, no período de 1979 a 1995. Toma-se o espaço de entrecruzamento da militância política com o carnaval, compreendido como *lócus* privilegiado de observação, na qual se busca perceber as estratégias utilizadas pelos movimentos negros para garantir a presença de seus discursos na cena carnavalesca. Privilegiamos as ações tecidas por meio da circulação de pessoas, ideias, discursos e representações de forma a expor a circularidade horizontal entre os distintos segmentos do MN. Neste sentido, as trajetórias entrecruzadas do MNU-PE e seus antecessores com os primeiros afoxés e com o maracatu *Leão Coroado*, especificamente nos carnavais de 1986 e 1987, constituíram-se em práticas discursivas capazes de garantir a inserção dos discursos dos movimentos negros no universo carnavalesco recifense no período abordado.

Palavras-chave: História Cultural, Movimento Negro Unificado; Racismo; Carnaval; Afoxés, Maracatu Leão Coroado.

ABSTRACT

The contemporary Black Movement - here identified as the set of actions and institutions dedicated to the promotion of black culture – the slavery criminalization and the fight against racism - practices undertaken by Africans and their descendants since the introduction of slavery until nowadays, and which the myth of racial democracy is the great obstacle to be overcome – all this issues constitute the field of discussion problematized by this research. Despite this thematic and temporal wide range, the internal diversity in this movement, as well as their multiple strategies which are not always exposed, suggest that, despite efforts to the contrary, it is not a homogeneous body, the Black Movement. This approach feeds the large gap about the trajectories of the contemporary black movements, mainly on the Northeastern experience. In this sense, this work is in the study field devoted to the African-Brazilian political and cultural resistance, which has as a theoretical approach cultural history. The research aims to address the discursive practices of the Black Movement in Recife, by designing its plurality and subjectivity, and aims to understand the organizations integration process from the Black Movement in the carnival of Recife, in the period 1979 to 1995. It takes the space of the political activism intertwining with the carnival, understood as the locus of observation, in which he seeks to understand the strategies used by black movements to ensure the presence of his speeches in the carnival scene. We prioritized the actions woven through the movement of people, ideas, discourses and representations in order to expose the circularity horizontally among different segments of the MN (Black Movement). In this sense, the intersecting trajectories of MNU-PE (Unified Black Movement in Pernambuco) and its predecessors with the first *afoxés* and *maracatu Leão Coroado* (Crowned Lion), specifically in the carnivals of 1986 and 1987, were constituted in discursive practices which ensure the inclusion of speeches of black movements in the Carnival universe in Recife at the mentioned period.

Keywords: Cultural History, the Unified Black Movement; Racism; Carnival; *Afoxés*, *Maracatu, Leão Coroado* (Crowned Lion).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. A CIDADE E AS MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS NO RECIFE .	29
1.1. A cidade.....	29
1.1.1. O Recife e as rebeldias no período escravista	34
1.1.2. O Recife e as rebeldias no período pós-abolição.....	41
1.2 . O CARNAVAL	64
1.2.1. Nos tempos do Entrudo	70
1.2.2. Bailes e Máscaras	75
1.3. O Carnaval popular e suas manifestações na cidade do Recife.....	81
CAPÍTULO 2. NOVOS CONTEXTOS POLÍTICO-CULTURAIS E A EMERGÊNCIA DOS MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL E NO RECIFE	95
2.1. Movimento Negro no Brasil: a cena a partir da década de 1970.....	95
2.2. 1978: fundação do MNU, um marco histórico	103
2.3. 1979: As primeiras movimentações negras no Recife	114
2.4. Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra/CECERNE	129
2.5. Movimento Negro do Recife/MNR.....	131
2.6. Movimento Negro Unificado- Pernambuco (MNU-PE)	136
CAPÍTULO 3. CARNAVAL E MILITÂNCIA NEGRA: NO PASSO DOS AFOXÉS	153
3.1. Cultura negra, carnaval e anti-racismo	153
3.2. “Um movimento no passo do Ijéxa”	164
3.3. Os pioneiros: <i>Ilê de África</i> e <i>Axé Nagô</i>	174
3.4. Os mais antigos em atuação: Ará Odé, Alafin Oyó, Ilê de Egbá, Obá Ayrá e Oxum Pandá	187
CAPÍTULO 4. MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO E MARACATU LEÃO COROADO	217
4.1. Duas gerações de negritudes.....	217
4.2. Luís de França e o <i>Maracatu Nação Leão Coroado</i>	225
4.3. Chegou a vez do Maracatu	229
4.4. <i>Leão Coroado</i> e MNU: primeiros contatos	233

4.5. O MNU-PE no ritmo do baque virado.....	239
4.6. Pontos delicados	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS	260
REFERÊNCIAS	269
BIBLIOGRAFIA	273

INTRODUÇÃO

Senhores
 Atrás do muro da noite
 Sem que ninguém o perceba
 Muitos dos meus ancestrais
 Já mortos há muito tempo
 Reúnem-se em minha casa
 E nos pomos a conversar
 Sobre coisas amargas
 Sobre grilhões e correntes
 Que no passado eram visíveis
 Sobre grilhões e correntes
 Que no presente são invisíveis
 Invisíveis mas existentes
 Nos braços no pensamento
 Nos passos nos sonhos na vida
 De cada um dos que vivem
 Juntos comigo enfeitados da Pátria¹

Recife, segunda-feira de carnaval do ano de 2005.

Chego ao Pátio do Terço para assistir à cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos. Aproximadamente às 22 horas, a multidão é tanta que não consigo localizar alguém conhecido. Peças publicitárias informam que estamos em um polo carnavalesco, o Polo Afro. De longe vejo o palco montado em frente à Igreja, do qual não consigo me aproximar. Ao lado da igreja, um camarote oficial, no qual trabalham alguns amigos da época da militância, hoje atuando na área cultural da Prefeitura da Cidade do Recife/PCR. Com muito esforço enfrento a multidão e, graças às muitas mímicas, consigo alcançar o camarote. De lá, assisto ao babalorixá Raminho de Oxossi coordenar uma cerimônia religiosa que inclui cânticos, saudações aos orixás, principalmente a Iansã de Balé por conta da associação desta orixá com os mortos. Meia-noite. Apagam-se as luzes, rufam-se os tambores e dois pombos são soltos. Após esse ato, dezenas de nações de maracatus com seus inúmeros batuqueiros se apresentam. O palco fica reservado aos reis, às rainhas e aos vocalistas de cada maracatu. No camarote, autoridades locais (prefeito, secretário de cultura e outros gestores culturais) se misturam com

¹ ASSUMPÇÃO, Carlos de. *Protesto*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz Ltda, 1982, p.42. Título do poema: Protesto.

artistas locais e nacionais² e outros convidados, alguns integrantes da militância negra. Na rua-plateia, uma multidão se espreme para assistir ao espetáculo, e tentar ao menos “tirar o pé do chão”, pois dançar realmente não é possível.

Essas imagens me encheram de perguntas, afinal aquela *Noite* era totalmente diferente das primeiras *Noites* das quais participei no início da década de 1980, distinguindo-se, também, das *Noites* que vivenciei no final da década de 1990, quando me transferi do Recife para morar em Salvador.

Imagens de outras segundas-feiras no Pátio do Terço passam pela minha memória como cenas de um filme. Em confronto com o evento de 2005, as primeiras *Noites* dos Tambores Silenciosos, no início dos anos de 1980, parecem meros ensaios. O público além de ser bem menor, era composto em geral por pessoas envolvidas com os movimentos sociais, em especial o Movimento Negro. Tratava-se, portanto, de um cultural espaço alternativo, voltado sobretudo para essas pessoas. Os grupos de maracatus, que não passavam de cinco, apresentavam-se com fantasias sem muito luxo, poucos desfilantes e, no máximo, 20 batuqueiros cada um. Contraste maior era a encenação de um auto dramático – escrito pelo jornalista Paulo Viana, (re)criador da Noite dos Tambores Silenciosos nos anos de 1960 –, pelos atores do Teatro Equipe “caracterizados de escravos”³ e, como ocorreu em alguns anos, com rostos pintados de preto.⁴ Essa encenação não agradava a militância negra que a considerava, no mínimo, anacrônica, ponderando-se sobre o momento histórico de retomada do Movimento Negro.

Já as cenas da Noite dos Tambores Silenciosos ao final da última década do século XX chegam-nos ao som do ijexá. Se na década de 1980 o Movimento Negro Unificado de Pernambuco – MNU-PE realizava protestos sob a alegação de que “O conteúdo da peça era um conteúdo de navio negreiro, com escravos apanhando, etc”⁵, nos anos de 1990 são os

² Nomes como Caetano Veloso, Emanuel Araujo, Milton Nascimento, Moraes Moreira, Marisa Monte e outros já assistiram ao evento.

³ *Jornal do Commercio*. 04 de março de 1984. Título da matéria: Tambores rufam amanhã e evocam a escravidão.

⁴ Vejamos o relato do *Diário de Pernambuco* de 20 de janeiro de 1982: “Além da participação dos cinco maracatus de ‘baque virado’, que ainda sobrevivem, a cerimônia mística contará, este ano, com a participação dos integrantes do afouché ‘Ilê de África’, em organização pelo Mestre Zumbi Bahia, cabendo ao Teatro Equipe do Recife o desempenho do auto-dramático que se desenrola no adro da Igreja do Terço, tendo como destaque o poema escrito pelo criador da ‘Noite dos Tambores Silenciosos’, intitulado ‘Lamento Negro’”. Título da matéria: *Tambores lembram escravidão negra*. Quanto ao número de batuqueiros, nossas lembranças convergem com os dados fornecidos por Sr. Toinho, mestre de maracatu, em entrevista concedida para esta pesquisa, realizada na Sede do Maracatu Encanto da Alegria, na Mangabeira/Recife no dia 24 de abril de 2010.

⁵ Marco Antonio Pereira da Silva atuou no Movimento Negro do Recife/MNR e no MNU-PE. Foi presidente do Sindicato dos Bancários de Pernambuco (1988-1991) e diretor da área sindical de bancos estaduais na gestão de 1991-1995. Entrevista realizada em Porto de Galinhas/PE, no dia 17 de fevereiro de 2010.

maracatus de baque virado que, considerando aquele um espaço exclusivo, reclamavam da excessiva presença dos afoxés na Noite dos Tambores Silenciosos.⁶

Até então, o Pátio do Terço não abrigava o Polo Afro e suas diversas manifestações culturais, sendo a Noite dos Tambores Silenciosos o grande evento na segunda-feira de carnaval no Pátio do Terço. O Polo Afro foi criado no carnaval de 2001⁷ e constitui-se em um panorama das manifestações afro-carnavalescas que se apresentam aos domingos, às segundas e às terças-feiras carnavalescas, conforme a seguinte programação: domingos: afoxés e blocos afro; segundas-feiras: Noite dos Tambores Silenciosos com os maracatus de baque virado; terça-feira: samba e reggae.

Duas décadas e tantas mudanças! Em conversas com os velhos amigos da militância, cada um elencava uma infinidade de configurações que resultaram naquele novo formato: explosão dos maracatus nação na mídia; valorização da cultura popular pela indústria cultural e por órgãos públicos; a administração petista e o ingresso de militantes, inclusive negros, no quadro da máquina pública municipal; o movimento Mangue Beat; a explosão dos afoxés; a Terça-Negra; o Núcleo da Cultura Afro-Brasileira da PCR; os protagonismos dos maracatuzeiros e dos movimentos negros; a valorização da cultura popular.

A última década do século XX foi tão intensa para a cultura pernambucana que muitos são os caminhos possíveis para uma pesquisa que envolve algum aspecto cultural. Sob este cenário, torna-se ainda mais importante a delimitação do campo a ser pesquisado. Mas, antes de delimitá-lo, é salutar fazer um exercício de ampliação da lente e deixar as ideias fluírem livremente. Nesse sentido, de uma visão ampliada do cenário, é que recorreremos às descrições da Noite dos Tambores Silenciosos e do Polo Afro no preâmbulo desta introdução. Como cartões postais, essas ações sintetizam questões e temas em torno dos quais esta tese gravita. Além das manifestações culturais, por esses dois contra-espacos negros passou-se e passa-se muito da luta dos movimentos negros recifenses para ampliar o raio de difusão para suas vozes, ou como foi publicado no *Diario de Pernambuco*, em 20 de novembro de 1979, para

⁶ Conforme depoimento de Júnior Afro sobre o processo de constituição do Polo Afro, enquanto alternativa que também garantia a participação dos afoxés fora da Noite dos Tambores Silenciosos. Lindivaldo Leite Júnior, conhecido como Júnior Afro, é carnavalesco do Clube Banhistas do Pina, ex-militante do MNU-PE e foi o primeiro coordenador do Núcleo da Cultura Afro-Brasileira da Prefeitura da Cidade do Recife. Além da atuação no MN, tem grande trânsito na cena cultural e carnavalesca. Entrevista realizada na Boa Vista/Recife no dia 12 de março de 2010.

⁷ *Jornal do Commercio*. 24 de fevereiro de 2001. Título da matéria: Pólo Afro estreia com samba-reggae. Disponível em JC Online: http://www2.uol.com.br/JC/2001/2402/cd2402_6.htm

romperem com a representação dominante de serem “simplesmente como uma espécie de mudo histórico, quando a realidade é outra”.⁸

O desejo de expressar outras realidades impulsionou as construções dos discursos dos movimentos negros a partir dos anos de 1980, marcados pela compreensão de que as *correntes invisíveis* eram parte da dominação sócio-racial.⁹ Na luta contra a *mudez histórica* imposta aos negros, os movimentos teceram seus discursos incorporando as subjetividades negadas à população negra. A mudez rejeitada representava um não à *política do silêncio ou silenciamento*¹⁰ imposto por tantas formas e por tantos anos. Os significados daquele silêncio eram tão audíveis que a sua exposição foi inevitável. Apóio-me, aqui, nas reflexões de Orlandi sobre o silêncio. Para a autora, “o silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido *é*”.¹¹

Representados de outras maneiras (não necessariamente verbal), os sentidos do silêncio sobre a presença negra no Brasil são problematizados nos discursos dos movimentos negros. Esses novos discursos identitários se confrontavam com o da ideologia da mestiçagem, paladino da ideia de ausência de desigualdades raciais no Brasil, e deles emerge, por diversas linguagens, um sujeito político que quer se mostrar em suas múltiplas subjetividades. Foi o momento, dentre outros, da explosão dos movimentos sociais e sujeitos políticos pautados em distintas identidades; consolidação do processo de globalização e seus impactos; da abertura política brasileira; da virada cultural na historiografia, colocando os sistemas simbólicos e de representações como fontes legítimas na constituição das identidades e na percepção do mundo social.¹² Até a década de 1970, no Brasil, eram inaudíveis os posicionamentos que se contrapunham ao estabelecido lugar subalterno dedicado aos negros e aos índios. A invisibilidade ou visibilidade estereotipada destes dois povos equivalia a seu anonimato no campo da história e dos direitos sociais.

Para os índios, “povos na infância, não há história: há só etnografia”, disse Varnhagen no século XIX. A sugestão parece ter sido bem aceita na historiografia brasileira, na qual os índios têm tido participação inexpressiva:

⁸ *Diário de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1979. Título da matéria: *Intelectuais pernambucanos de cor reúnem-se no Dia da consciência Negra*.

⁹ Afinal, o grande opositor dos novos movimentos negros é um mito: o da democracia racial. Como parte deste universo que comporta correntes invisíveis, subjetividades e silenciamento, Sodré nos fala da persistência de um “imaginário etnocida” e da valoriza o da brancura da pele como uma “marca simbólica” na sociedade brasileira e do “imaginário” como ferramenta na compreensão dos estereótipos. SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*. Identidade, povo e média no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 234 e 244.

¹⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio e sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 29.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 31.

¹² Cf. HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

aparecem, grosso modo, como atores coadjuvantes, agindo sempre em função dos interesses alheios.¹³

Com a população negra não foi diferente:

O sistema de ensino brasileiro, desde a pré-escola à universidade, tem primado por ocultar ou distorcer o passado histórico e a cultura do povo negro, na África e aqui, bem como apresentar o negro de forma inferiorizada, como seja: bêbado, serviçal, exercendo papéis considerados inferiores na sociedade. (...) Há centenas de livros onde o negro não aparece e quando aparece em alguns livros é de forma negativa.¹⁴

Essa situação desigual tida como fixa, sustentada por discursos pautados em uma representação da sociedade brasileira como harmônica em suas relações sociais e raciais, foi questionada pelos novos sujeitos sociais a partir da década de 1970.

Em suas formulações, esses sujeitos sociais tomaram como pressuposto que

A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens sociais.¹⁵

Analisando o Manifesto do Dia Nacional da Consciência Negra como acontecimento discursivo fundador do Movimento Negro/MN, assim como o papel de Palmares e de Zumbi nessa discursividade, Pedro de Souza afirma que

Assim, o projeto de afirmação da subjetividade negra na sociedade brasileira vincula-se ao repúdio à folclorização da memória relativa ao episódio de Palmares e da morte de Zumbi. Em verdade, a legitimidade histórica desta memória é a condição de possibilidade para a fundação e sustentação do discurso de afirmação do negro no Brasil.¹⁶

¹³ ALMEIDA, Maria R. C. de. Identidades étnicas e culturais. Novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). *Ensino de história*. Conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 27.

¹⁴ SILVA, Ana Célia da. “Estudos africanos nos currículos escolares”. In: *MNU. 1978-1988. 10 anos de luta contra o racismo*. Salvador: s/editora, 1988, p. 49.

¹⁵ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 14.

¹⁶ SOUZA, Pedro de. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso fundador*. A formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Campinas,SP: Pontes, 2003, p. 60.